

Segundo Caderno

Segunda-feira, 20 de julho de 1992

O GLOBO

Rio de Janeiro

Grupo Corpo coreografa uma nova forma de beleza

BARBARA HELIODORA

Um novo trabalho do Grupo Corpo, cuja posição como o melhor conjunto de dança do país já deixou há tempo de ser contestada, é sempre aguardado com interesse, já que o que se vê, com a criação de cada nova obra, é um notável alargamento dos horizontes da coreografia de Rodrigo Pederneiras. Esse mineiro que trabalha não em silêncio mas rigorosamente ao som da música específica que catalisa no momento seu processo criativo, vem apresentando ao longo de sua trajetória um exemplar equilíbrio entre unidade e diversidade, de modo que dentro do quadro de originalidade de cada obra permanece a "assinatura" do coreógrafo e da linha do grupo, do qual, aliás, Rodrigo Pederneiras é indistinguível: essa coerência essencial dá ao público, a cada encontro, a sensação de reencontro, pois o muito

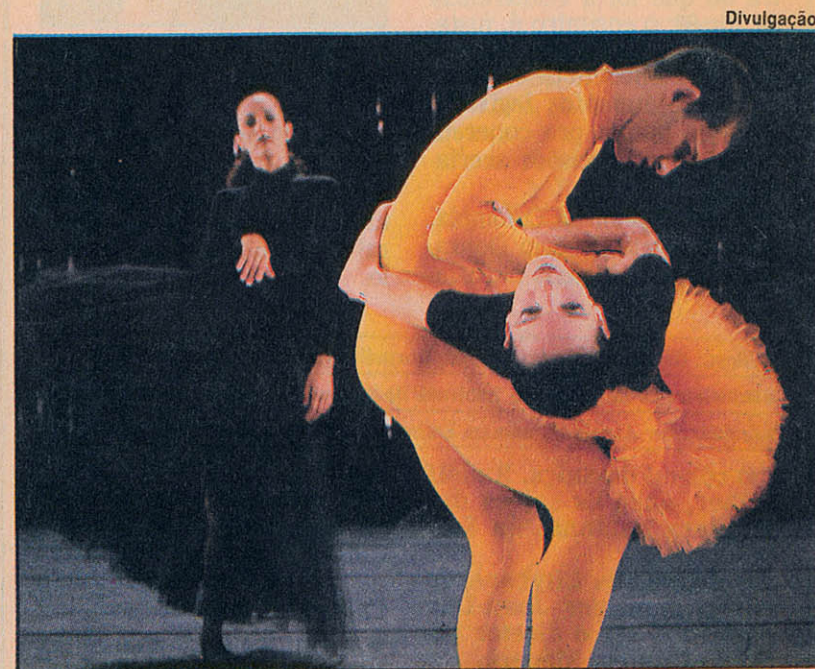
de novo que aparece não é resultado de modismos mas do tipo de motivação, de desafio, de encontrar a correta expressão da música em termos de dança, a partir da experiência já adquirida.

Essa organicidade da coreografia de Pederneiras pode ser claramente constatada no atual espetáculo do Grupo Corpo no Teatro Municipal, composto por duas séries de variações musicais que, por sua natureza, produziram momentos interrelacionados porém diversos: as "Variações Enigma", de Edward Elgar, já eram conhecidas e de certa forma refletem, em idioma Pederneiras, a presença da cultura e das tradições europeias que estão com tanta frequência embutidas no que hoje já temos por inteiramente brasileiro: o memorável **pas-de-deux** não copia nem imita seus antepassados, mas os ecoa como memória da gramática clássica. Tal postura fica ainda mais clara quando,

como agora, ao belíssimo trabalho com Elgar contrapõe-se o que bem podemos chamar de "Variações 21". Trabalhando como sempre a partir de sua reação individual à música, o que Rodrigo Pederneiras tem agora como núcleo é o trabalho do também mineiro Marco Antonio Guimarães e sua Uakti Oficina Experimental, grupo cujo trabalho pesquisa não só os sons que o cerca como também os instrumentos capazes de expressá-los; e tudo no espetáculo se transformou em busca — que se configura também na concepção visual do trio Fernando Velloso (cenário), figurino (Freusa Zechmeister) e iluminação e direção (Paulo Pederneiras), com uma bela passagem da neutralidade de fundo e corpos para uma crescente intensidade de cor, que aos poucos vai dominando tudo, à medida que a música vai expressando a presença do cotidiano. O domínio do número sete e seus múltiplos determinou o processo criativo, mas para o espectador

só chega o fruto já maduro, o profícuo resultado, a coreografia que "21" pediu.

O entendimento entre Pederneiras e Marco Antonio Guimarães é virtualmente perfeito: só um momento, quando um grupo compacto com luzes por trás atravessa o palco, é possível sentir alguma falha na comunicação das intenções dos dois com o público: a riqueza, o fascinante e inesperado da maioria das variações torna este novo espetáculo mais um marco importante na história da dança brasileira, que tem no Grupo Corpo uma notável prova de sua maturidade, e se mostra mais independente do idioma europeu, felizmente apenas por se encontrar cada vez mais a si mesmo, sem recorrer a agressões ou críticas ao passado: este ensinou muita coisa e deve ficar orgulhoso de testemunhar o orgânico nascer de uma beleza nova e adequada ao mundo no qual é criada.



O Corpo em "21": variações musicais com "sotaque" totalmente brasileiro